

A poesia de cordel como profanação ao dispositivo midiático¹

Gislene CARVALHO²

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

Neste trabalho refletimos sobre a poesia de cordel como dispositivo midiático e ao mesmo tempo como profanação deste dispositivo, a partir dos conceitos de Agamben (2005). Consideramos aqui a poesia em seus distintos suportes: oral, impresso e *online*, reconhecendo que cada materialidade prepara o sentido de forma diferente (MOUILLAUD, 1999). Mas nossa atenção está voltada para as características comuns dos três formatos e, portanto, referentes à poesia de um modo geral. Realizamos, para isso, um trabalho teórico-conceitual que nos permite compreender a poesia de cordel como lugar de resistência ao dispositivo midiático hegemônico, oferecendo às pessoas em seu cotidiano uma outra forma de consumo de conteúdos, dando, inclusive, às pessoas que estão fora dos meios hegemônicos uma possibilidade de produzir e fazer circular conteúdos.

Palavras-chave: Dispositivo Midiático; Profanação; Resistência; Cordel.

Introdução

O cordel é uma manifestação cultural que, embora sua matriz tenha sido trazida parcialmente³ pelos europeus, mescla elementos das diversas tradições que passaram pelo Nordeste. Tem uma concepção original de criação coletiva, pois une o poeta/cantador e o leitor/ouvinte. O cordel representa uma poesia que tem base na voz, na oralidade, e apresenta-se impressa em folhetos ou digitalizada nas páginas da Internet, muitas vezes utilizando os recursos multimidiáticos para manter sua concepção inicial de combinar oralidade e escrita.

Neste trabalho consideramos a poesia de cordel em seus três principais suportes identificados: a voz, o folheto e a Internet - especificamente o Facebook. Deste modo, realizamos uma reflexão que tem como objetivo identificar a poesia de cordel como dispositivo midiático. Compreendemos que a forma poética de tratar o real cotidiano não

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para cidadania do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Jornalista graduada pela Universidade Federal do Ceará. Email.: mgisacarvalho@gmail.com

³ Nem todos os elementos que compõem o cordel da forma como conhecemos são de origem europeia. A forma de folhetos tem origem portuguesa, assim como sua disposição em cordas em algumas feiras. Atualmente a venda de folhetos é feita em bancas que expõem os folhetos por título, horizontalmente, ou verticalmente em bolsas transparentes. Os conteúdos fazem parte do cotidiano, assim como a forma em verso tem origem no Nordeste, onde os cantadores, violeiros e repentistas já compunham versos para contar histórias das cidades por onde passavam e utilizam o folheto como forma de registrar e vender a poesia quando conhecem o suporte e quando as máquinas impressoras chegam ao interior do Brasil. O cordel, se pensarmos como enunciado, é um produto do diálogo entre as diversas civilizações que passaram pelo Brasil.

está limitada a um suporte, mas que sua materialidade se constitui nos versos estruturados em quadras, sextilhas, setilhas e décimas e sua forma mais recorrente seja a do folheto. Mas, fora do papel, seja na voz, seja em vídeos na Internet, seja nas páginas pessoais dos poetas ou em grupos de compartilhamento, a poesia que segue a estrutura da métrica e da rima não deixa de ser cordel e é o que aqui tratamos como dispositivo. Cada tipo de poesia tem suas regras específicas de composição, que configuram a imensa variedade de formas de declamação. Os conteúdos disponíveis em cordel são diversos. Trazem romances, contos fantásticos, anedotas, homenagens, publicidade, críticas sociais, fatos do cotidiano, acontecimentos midiáticos, relatos históricos etc.

No folheto, a poesia é impressa a partir de seus moldes orais. Está entre o audível e o visível, o que permanece possível quando a poesia circula pela Internet. Em sites, arquivos, blogs e nas redes sociais, poetas transcrevem os versos e os ilustram com imagens diversas, não apenas as clássicas xilogravuras dos folhetos, e incluem vídeos ou áudios em que é possível apresentar performances poéticas.

Cordel como dispositivo midiático

Considerando o conceito de dispositivo em Agamben (2005), que o compreende como "qualquer coisa que tenha, de algum modo a capacidade de capturar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos" (p. 13), analisamos o folheto de cordel como dispositivo midiático, a partir de suas características estruturais e narrativas.

Dessa captura dos seres vivos pelos dispositivos é que, segundo Agamben (2005) resulta o sujeito e as diversas possibilidades de processos subjetivação. Essas possibilidades são resultados da proliferação de dispositivos na vida cotidiana que estão muitas vezes interligados. Quanto mais dispositivos forem possíveis, mais subjetivações devem ser produzidas a partir deles pelos indivíduos afetados, portanto, mais máscaras para a construção de identidades pessoais. "Hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo" (AGAMBEN, 2005, p. 13) Assim, um indivíduo, que não é afetado por um dispositivo apenas, tem seu processo de subjetivação constituído pela diversidade de papéis sociais que assume em cada dispositivo.

Mas os indivíduos não estão completamente presos pelos dispositivos. Agamben (2005) reconhece isso a partir da metáfora da profanação, associada a sentidos religiosos,

definida como a restituição de uso de dispositivos sagrados aos homens. Podemos pensar, então, que estratégias de resistência a dispositivos de poder político ou econômico, por exemplo, podem ser consideradas profanações.

Agamben (2005) fala ainda sobre uma ideia de dessubjetivação causada pelos dispositivos do capitalismo moderno, utilizando como exemplo o dispositivo do celular, que transforma o sujeito em um número, e o caso dos dispositivos midiáticos, quando o indivíduo, no caso, não adquire nova subjetividade ao ser afetado por ele, mas se transforma em um número, um dado de audiência. Mas será que, no caso específico do cordel, podemos concordar com isso? As pistas indicadas no decorrer deste artigo mostram uma discordância em torno desta ideia ao considerarmos que o papel de audiência assumida pelo poeta é mais uma de suas subjetivações e que, inclusive, tem papel fundamental na sua subjetivação de poeta no dispositivo midiático do cordel por sua característica de profanação dos demais dispositivos midiáticos.

Mas de que forma o conceito de dispositivo está associado às experiências midiáticas? Partindo de uma concepção pós-estruturalista sobre o dispositivo de Agamben (2005) nos ligamos à materialidade que deve ser considerada, segundo Mouillaud (1997), ao analisarmos conteúdos midiáticos. No caso específico do cordel, a materialidade considerada neste trabalho não diz respeito apenas aos suportes oral, impresso e das redes sociais, mas à poesia que se constitui como o dispositivo midiático, que significa, segundo Mouillaud (1997), as matrizes onde se inscrevem os textos. No cordel, a poesia é uma matriz que estrutura e organiza conteúdos que circularão por suportes distintos, como a voz, o folheto e a Internet, o que nos permite compreender que o dispositivo extrapola a ideia do suporte como algo físico, "uma simples entidade técnica, estranha ao sentido" (p. 29).

Segundo Mouillaud (1997) não há uma dicotomia entre dispositivo e sentido. Eles estão intimamente relacionados, influenciando-se mutuamente. O sentido é predisposto pelo dispositivo que o carrega, pois "o dispositivo prepara para o sentido" (MOULLIAUD, 1997, p.30). Desta forma, a poesia do cordel combinada às diferentes materialidades apresenta um enquadramento (GOFFMAN, 2012) e, assim, é uma preparação de sentidos. A compreensão da linguagem do cordel não pode ignorar a matriz oral que estrutura sua forma, ainda que seja apresentada em folhetos ou na Internet.

A reflexão sobre o dispositivo midiático é fundamental pois, segundo Mouillaud (1997), os discursos não estão soltos no espaço. Pelo contrário, sua materialidade prepara para seu sentido, sendo fundamental considerá-la nas análises. No caso do cordel, a forma

poética é uma preparação para o conteúdo, que aciona nos leitores/ouvintes um contrato de enquadramento, que define, a princípio, regras de leitura e de compreensão. Mas, constantemente, a poesia quebra com os pressupostos de leitura definidos pelas formas canônicas de poesia, principalmente quando se propõe a tratar de notícias e de fatos do cotidiano. Neste sentido é que pensamos a poesia de cordel como uma profanação dupla, que se choca com a literatura e com a mídia.

O dispositivo seria, segundo Mouillaud (1997) uma embalagem que envolve e altera o conteúdo, deixando evidente o limite material, mas não o simbólico. Este limite possibilita um enquadramento do conteúdo que, a partir da definição de quadros significa "os princípios de organização que governam os acontecimentos - pelo menos os sociais - e nosso envolvimento subjetivo neles." (GOFFMAN, 2012, p. 34). O dispositivo sugere possíveis enquadramentos realizados pelo poeta, mas oferece também possibilidades de leitura ao público, justamente porque ele prepara para o sentido.

Há ângulos de percepção dos acontecimentos para cordelistas, neste caso, que são diferentes das percepções de jornalistas vinculados a empresas de comunicação, por exemplo. Os enquadramentos dos cordelistas (que são diferentes uns dos outros, ou seja, não existe uma forma única de enquadramento no cordel) são enquadramentos poéticos da realidade, mas que não chega a ser o mesmo enquadramento da literatura canônica. Estes enquadramentos são, assim, formas de profanação do dispositivo, visto que mesmo tendo enfoques diferentes sobre uma mesma questão, o cordel permanece podendo ser compreendido tanto como literatura quanto como mídia.

As estruturas dos relatos dos acontecimentos são, como afirma Goffman (2012), tipificações, formas convencionais de nossa compreensão atribuídas a dispositivos diversos, considerando que para Mouillaud (1997, p. 32), "o dispositivo não comanda apenas a ordem dos enunciados, mas a postura do leitor". Desta forma, nossas leituras estão pressupostas pelos dispositivos, que oferecem um "padrão" de conteúdo, causando estranhamentos quando são rompidos os acordos de sentido levantados pelo dispositivo como este elemento que envolve e formata o conteúdo.

Uma forma de romper com estes acordos é a partir da profanação do dispositivo, que é manipulado por um "ser vivente" dotado de muitas possibilidades de subjetivação e, assim, oferece ao dispositivo com o qual interage uma grande diversidade de possibilidades. "A pressão dos textos "fora de norma" pode deformar o dispositivo ou, até mesmo, fazê-lo implodir." (MOUILLAUD, 1997, p. 34) O caso do cordel que, como dispositivo midiático,

pode ser utilizado de muitas formas, desde um conto fantástico a uma forma de resistência política e contra-hegemônica.

As diversas possibilidades de subjetivação traçadas por Agamben (2005) dialogam com o intercruzamento de dispositivos proposto por Mouillaud (1997). A poesia de cordel é um dispositivo que está inserido em um dispositivo midiático, que é nosso foco aqui, e em um dispositivo literário, que não passa despercebido. Neste sentido, pensamos no poeta cordelista que está atravessado por diversas subjetivações no contexto de produção do cordel (poeta, editor, vendedor, declamador), está também intercruzado por diversos outros dispositivos, por exemplo, religiosos, políticos e econômicos que dialogam e aparecem nos conteúdos dos textos.

Nós vemos o Brasil hoje
Totalmente abalado
Sem saúde, educação;
Câmaras e o Senado
Prevaricam. O congresso
Completamente safado.
[...]

O Brasil é sacudido
A partir de uns centavos
Desse grito veio a gota
Que tocou rosas e cravos
Acordando o gigante
A República e os bravos. (BATISTA, 2011, p. 1-2)⁴

Uma vez que este indivíduo é capturado pelo dispositivo midiático, no qual o cordel se constitui como mídia, é a partir dele que o poeta estrutura seu discurso. E este discurso é resultado de processos múltiplos de subjetivações, considerando que o cordelista é um produtor de significados do cotidiano que está completamente entrecortado por outros dispositivos, inclusive pelo midiático. Percebemos isso muitas vezes pela forma como os poetas ressignificam conteúdos veiculados pelas grandes empresas de comunicação.

No último dia de maio
Em um domingo marcante
Partiu do Rio de Janeiro
Um avião muito possante
Que tinha como destino
Um país nobre e granfino
A França, terra distante

O vôo 447
Decolou todo normal

⁴ "O manifesto de todos nós", de Abraão Batista, publicado em 30 de junho de 2013 sobre as Jornadas de Junho.

Mas no oceano atlântico
Veio o desastre fatal
O avião desapareceu
Pois ninguém sobreviveu
No vôo internacional (SALVINO, 2009, p. 1)⁵

Assim, o cordelista não é somente o poeta, produtor de significados. Mas em outros dispositivos ele pode ser a audiência. Em outros, pode ser o eleitor insatisfeito com seu voto ou defendendo uma figura política. Em outros pode ser alguém que questiona as lógicas do capital. Em outros pode ser um fiel que atesta sua fé. E todos esses processos constituem subjetivações do poeta e, como resultados de sua relação com os dispositivos, o situam em relação ao dispositivo midiático do cordel, modelando seus discursos.

Um aspecto fundamental para a compreensão do folheto como dispositivo, consideram as diferentes materialidades do cordel. Como dispositivo, nos permite compreendê-lo além do papel por significar uma estruturação de espaço e de tempo na forma de versos. As diferentes materialidades em que o cordel se apresenta mantêm uma linguagem que é comum e que está adaptada à matriz oral, em que se buscava um recurso mnemônico para os momentos de performance, segundo Zumthor (2010).

Essa discussão levanta o que Mouillaud (1997) chama de ponto de vista genético do dispositivo, pois, até aqui, nos referimos ao dispositivo poético como algo que precede o conteúdo dos versos, sem que isso confira passividade ao texto - mesmo porque este trabalho observa aspectos de profanação do dispositivo a partir do texto. Mas, no caso do cordel, assim como do *cannard* francês, citado como exemplo por Mouillaud (1997), a circulação da poesia oral demandou novos suportes técnicos, alterando o dispositivo que pressupunha, inicialmente, apenas a voz como materialidade. Com a necessidade de comercialização da poesia e a possibilidade de impressão com a chegada das máquinas tipográficas ao interior do país, os versos passam a circular na forma de folhetos. Ainda por critérios comerciais, o cordel chega à Internet tanto como forma de divulgação, mas também para que, ao tratar de conteúdos efêmeros, os cordelistas não tenham prejuízos com folhetos impressos e que deixam de ser vendidos quando a novidade passar e os folhetos perderem a atualidade.

A poesia que se situava apenas na voz encontra diversos suportes para sua difusão, para dar ao conteúdo dos folhetos uma permanência que a oralidade só teria se encontrasse

⁵ Folheto "O vôo 447 da Air France terminou em tragédia", do poeta Chico Salvinho, que conta o episódio do acidente aéreo mencionado no título, ocorrido na madrugada entre 13 de maio e 01 de junho de 2009, no qual morreram 228 pessoas. O evento foi coberto pelos veículos de mídia hegemônicos nacionais e internacionais e teve grande repercussão pela dimensão do acontecimento e por questões de noticiabilidade.

multiplicadores de vozes. “Fixando o som vocal, elas permitem sua repetição indefinida, excetuando-se qualquer variação.” (ZUMTHOR, 2010, p. 27)

A poesia oral obedece uma métrica e uma rima que são adequadas ao ritmo ao qual se propõe. Ela, por ser declamada, precisa ser agradável aos ouvidos de seu público. O autor cria uma espécie de diálogo com seus receptores, permitida pela flexibilidade que a voz possui.

Sabe-se que embora impresso e veiculado pelo folheto, o cordel é uma forma de literatura oral feita expressamente para ser recitada. A rima do cordel é feita para o ouvido e a memória, não para os olhos. Ela é antes de tudo mnemônica e comunicativa. O folheto é apenas o suporte material de uma poesia que permanece oral. (KUNZ, 2001, p. 79-80)

O conteúdo da poesia oral não tem o objetivo único de entreter, mas faz parte da memória coletiva, atua na manutenção de tradições, transmite mensagens, comunica, informa, opina. Mostra a individualidade do poeta dentro de sua cultura, inserido socialmente em uma comunidade, poetizando e compartilhando os elementos culturais que a compõem.

Eu já perdi foi a conta
Das vezes que perguntaram
Como foi que começou
E que fatos inspiraram
O meu cordel feminista
Que inaugurou a lista
De tantos que se somaram

Como já disse outras vezes
Em entrevistas que dei
Eu nasci numa família
Onde o cordel era rei
Pois meu clã analfabeto
Tinha um baú repleto
E declamar era a lei (SILVA, 2015)⁶

Com o surgimento das técnicas de impressão, a poesia oral encontra uma forma de fixar-se no tempo e no espaço. Acontece uma mudança de mídias: a voz deixa de ser transmitida apenas pelo corpo humano e passa a ser registrada e difundida pelo papel, pelo folheto. “Ele está cada vez mais relacionado com a diversidade das mídias, convivendo com novas formas de consumo cultural, propiciadas pelas tecnologias do disponível e do descartável.” (SANTOS, 2010, p. 52) Todas as mídias se apropriam dos recursos que a tecnologia oferece, de acordo com a sua contemporaneidade e os recursos disponíveis. Com

⁶ Disponível em <http://cordelirando.blogspot.com.br/2015/04/feminismo-em-cordel-como-foi-que-comecou.html> Acesso 01/07/2015

a poesia de cordel, isso não é diferente. As raízes orais encontram na impressão uma forma de se tornarem mercadorias, gerando, assim, lucro aos seus editores, e nas redes sociais encontram espaço para a divulgação de fragmentos de seus conteúdos, numa busca por publicidade, por exemplo.

Na Internet, encontramos poesias em redes sociais, blogs e sites de poetas e de grupos de cordelistas. São formas de divulgação para a venda de folhetos, mas são também espaços para a publicação da poesia inteira, quando não há o objetivo de vendê-la. Trata-se de uma apropriação das tecnologias por parte dos poetas, uma utilização cotidiana, aplicada ao trabalho poético que desenvolvem.

Porque não sou obrigada
Não engulo lero-lero
Sou mulher emancipada
Levo a vida como quero
Essa é minha pegada
Vou rimando pela estrada
E assim me empodero

Porque não sou obrigada
Quem manda em mim sou eu
Não aceito ser tratada
Como um objeto seu
Exijo que me respeite
E como sou me aceite
Se não quiser, prescreveu (SILVA, 2015)⁷

A ideia é disponibilizar os conteúdos online em busca de uma repercussão global, em busca de publicidade ou de um espaço para a comercialização, um tanto mais complicada para o folheto impresso, e evitar prejuízos com a impressão de folhetos que poderiam, eventualmente, não vender. Trata-se, neste caso, da utilização de um suporte para garantir uma memória, um registro, uma circulação, uma venda, uma permanência. "Na Internet, embora o desafio se realize na escrita, a dicção poética é a dos textos orais, o que é uma característica indiscutível em toda a produção de poesia tradicional nordestina, feita na hora, ou não." (AMORIM, 2008, p. 106) Este suporte, como será tratado mais adiante, tem implicações também no conteúdo, mas mantém no dispositivo poético características essenciais de relação com a oralidade e os poetas continuam auto-referenciando-se cantadores.

Considerando que o dispositivo seria responsável por regular e realizar a subjetivação do indivíduo através de rituais e comportamentos, o dispositivo midiático

⁷ Disponível em <http://cordelirando.blogspot.com.br/2015/03/porquenao-sou-obrigada-porquenao-sou.html>
Acesso: 01/07/2015

conduziria, então, a uma inserção dos sujeitos no mundo mediatizado, permitindo uma passagem da vida cotidiana (profana) ao mundo midiático. O cordel, então, é um caminho possível para essa passagem. Indivíduos que, a princípio, não estão inseridos no dispositivo midiático como produtores de conteúdo têm no cordel uma forma de entrada e que acaba por, de diversas formas, profanar o próprio dispositivo.

O cordel como profanação do dispositivo midiático

Se, para Agamben (2005), os dispositivos capturam constantemente os seres vivos, considerando especificamente os dispositivos midiáticos somos levados a pensar na ideia da mediação e na forma como estes dispositivos estão inseridos na vida das pessoas e em suas formas de subjetivação - ou de dessubjetivação, que acontece com as pessoas expostas ao dispositivo midiático.

Disto, permanece uma questão: por que o dispositivo do cordel não está situado em suas materialidades, que como vimos, representam uma importante abordagem para considerar sua atualidade e processos evolutivos, implicando diretamente a forma poética, mas pensamos a partir da poesia propriamente, a arte poética?

Reconhecemos que as materialidades da poesia na voz, no papel e na Internet oferecem, como afirma Santos (2010), processos comunicativos diferentes aos conteúdos da poesia de cordel, que pressupõem temporalidades diversas de produção e de consumo. O folheto representa uma fixação da poesia oral, um registro, e dispensa a presença da audiência no momento da performance. Esta fixação é, para Lemaire (2010), uma estratégia de controle do discurso oficial para classificar e excluir a poesia de cordel dos cânones da literatura.

Considerar o uso das tecnologias e a evolução de seu suporte material, segundo Lemaire (2010, p. 75), é fundamental para compreendermos a poesia de cordel como um fenômeno vivo e em permanente movimento. E a evolução do cordel poderia ser descrita como um capítulo da história das tecnologias da informação e da comunicação.

Eles permitiram demonstrar que houve, na verdade, um aproveitamento inteligente, bem organizado e eficaz da nova tecnologia. Não foi uma simples utilização/adaptação, mas uma apropriação e reinvenção, adaptadas às condições de vida dos poetas individuais; houve a elaboração de autênticos sistemas editoriais alternativos; quer dizer: a própria produção material dos folhetos tem a sua história que já comporta vários capítulos, indo da pequena máquina artesanal, instalada na casa do poeta para uso pessoal, passando por pequenas empresas artesanais já bem

organizadas e chegando a editoras com catálogo, redes de publicidade, de divulgação e distribuição. (LEMAIRE, 2010, p. 77)

É o que percebemos mais recentemente com a utilização da Internet como espaço de divulgação e circulação da poesia de cordel. Há uma resistência por parte de alguns poetas que afirmam que, ao utilizar o espaço virtual, a poesia deixa de ser cordel - como se a definição desta poesia estivesse vinculada apenas ao suporte de veiculação. Mas há também poetas que utilizam a Internet e as redes sociais para divulgar sua poesia e que tomam-na como aliada do processo criativo e que, inclusive, facilita outras formas de performance, de modo a manter a matriz oral dos versos e sua circulação, por exemplo, por vídeos e áudios. A utilização de novas tecnologias não necessariamente exclui as formas anteriores, mas podem combinar-se e coexistir. Foi assim no folheto, que segundo Santos (2010, p. 50), mesmo impresso permanece sendo utilizado para cantorias e declamações pelos poetas ou pelos leitores, que podem carregá-los. É assim na Internet, em que as performances podem ser compartilhadas, mesmo que os contextos de consumo sejam diferentes em cada enunciação.

Não estamos afirmando, aqui, que o suporte seja indiferente ao sentido, ou que eles mesmos não possam se configurar como dispositivos em momentos distintos. Mas existe uma matriz, uma estrutura poética que mantém características fundamentais, baseadas na oralidade, na poesia da voz que, independente do suporte utilizado pela poesia, é tratada como o dispositivo midiático que prepara para os sentidos.

O poeta, mesmo se apropriando dessa evolução, não perde de vista elementos fundamentais que caracterizam a poesia de cordel, a exemplo de sua matriz oral, que está na base de sua existência, bem como sua dimensão tradicional, no que tange ao imaginário popular e à própria função que desempenha o poeta junto aos seus leitores. (MENDES, 2010, p. 143)

A poesia, que é o dispositivo aqui tratado, é o que os versos mantêm de comum em cada suporte. Os componentes literários, como afirma Lemaire (2008), e outros elementos de funções mnemotécnicas e discursivas trazidas da oralidade, como verso, métrica, ritmo, rima e figuras que são integrados e permanecem presentes nos suportes impresso e digital. O que acontece é uma adaptação da utilização dos suportes às demandas dos poetas e dos leitores/ouvintes.

O cordel, como um dispositivo midiático que reescreve o mundo em poesia, tem nos versos a captura e subjetivação de seres viventes. É uma forma de midiaticizar a vida cotidiana, compreendendo a midiaticização como mudanças sociais relacionadas à mídia,

com relação às práticas comunicacionais cotidianas. Nessa perspectiva, segundo Hepp (2014, p. 48-49), midiaticização seria "um metaprocesso de mudança na direção de um enquadramento compreensivo utilizado para descrever a mudança cultural e da sociedade de uma maneira teoricamente informada.", relacionando-se ao desenvolvimento e uso dos meios de comunicação.

Assim, é também nos versos que podemos identificar os elementos da profanação que o cordel coloca diante dos demais veículos midiáticos e da literatura. Ambos possuem enquadramentos específicos a partir dos quais se estabelecem contratos sociais de leitura que representam um sentido que é pressuposto pelo dispositivo, como define Mouillaud (1997).

O cordel como elemento de profanação dos dispositivos midiático e literário é percebido a princípio por suas características de forma e de conteúdo integrados. Tanto em um como no outro, a poesia de cordel rompe com regras definidoras dos enquadramentos canônicos, reclamando para si uma posição de interseção, visto que apresenta características de proximidade, e ao mesmo tempo uma categoria própria, por seus traços distintivos. Profana o jornalismo por ressignificar essa realidade cotidiana utilizando poesia e pela subjetivação como ponto de partida da poesia de cordel, em vez da necessidade de construção de efeitos de real, que tem o jornalismo.

No caso da profanação do jornalismo, por exemplo, cujo enquadramento definido pelo dispositivo jornal pressupõe um conteúdo com características específicas referentes à busca por um relato que se aproxime de uma pretensa objetividade percorrida pelo uso de técnicas de investigação, apuração e checagem, por textos que utilizam citações de fontes oficiais, de dados e de documentos e cuja narrativa possui uma estrutura definida (no caso das notícias) por pirâmide invertida, ou seja, a informação principal da notícia contida no lide e as demais expostas em ordem decrescente de importância, a estrutura do cordel é diferente.

Hoje houve outro tiroteio
No Complexo do Alemão
Me é difícil tentar
Encontrar explicação
Mas vou tentar colocá-los
A par da situação. (FRANKLIN, 2014a, p. 1)

Existe uma apropriação de conteúdos - que circulam livremente, uma vez que são emitidos, e podem ser utilizados das mais diversas formas - pelo indivíduo comum, do cotidiano. A profanação no cordel se trata de uma forma de resistência deste homem

cotidiano à uma produção de conteúdos e de "verdades" na mídia hegemônica, que se apropria de recursos técnicos formais para atestar uma legitimidade de sua "verdade" como única. As "verdades" dos cordelistas são outras formas de significar a realidade e para isso, utilizam-se da poesia que, se propondo um dispositivo que também é midiático, acaba por reconfigurar uma realidade construída pelos veículos hegemônicos.

Deste modo, ao se configurar como uma forma de indivíduos comuns terem acesso a um dispositivo midiático, dispensando a necessidade de muitos recursos financeiros ou mesmo de uma formação para a produção de notícias, a poesia de cordel é uma profanação ao sagrado que constitui a mídia hegemônica como detentora do lugar de fala da "verdade". Porque mesmo sendo a mídia hegemônica instituída deste "poder", o cordel oferece um lugar de fala aos sujeitos que, a princípio, não têm espaço para falar na mídia hegemônica. E, deste modo, poetas conseguem organizar essa verdade fugindo dos padrões estabelecidos pelo jornalismo para conferir efeitos de realidade às suas narrativas. A profanação que o cordelista exerce no dispositivo midiático é uma forma de resistência.

Mendes (2010) conceitua uma ideia de "cordel midiaticizado", ou seja, a poesia que dialoga com o discurso midiático, seja por temática, veiculação, mediação ou pela atividade dos poetas que se autodenominam poetas-repórteres. Desta forma, todos os cordéis, de alguma forma, se configuram dentro de alguma categoria que os definem como midiaticizados. O que se faz essencial é compreender que essa midiaticização se trata de uma profanação do dispositivo midiático, como definido anteriormente, porque

embora seja considerado por muitos como um jornal popular, possui uma configuração textual-discursiva diferente dos textos produzidos nas redações de um jornal. Uma das hipóteses que assumimos é que apesar das semelhanças com a atividade jornalística, o cordel midiaticizado possui formas próprias de construção da informação, seja do ponto de vista do relato, seja do comentário, já que muitas das variáveis contratuais possuem uma configuração diferente das que giram em torno das notícias de jornal, como o estatuto de poeta assumido pelo cordelista, por exemplo. (MENDES, 2010, p. 135-136)

Para Mendes (2010), as manifestações do cordel seguem uma lógica de independência por não estarem vinculados a instituições específicas - na maioria das vezes, visto que há situações em que cordéis de encomenda versam justamente sobre o que solicita o contratante - transitando com bastante facilidade por todos os veículos midiáticos.

Ao reivindicar a legitimidade de suas verdades, os cordelistas constroem narrativas diferentes daquelas que circulam nos veículos midiáticos hegemônicos, às quais são receptores e assumem um papel diferente no dispositivo midiático. Se reconfiguram no

como profanadores deste dispositivo quando enquadram a realidade a partir de outras perspectivas, fora da lógica empresarial, assumindo a lógica poética de que fala Mendes (2010), inserindo em sua narrativa uma lógica que não se propõe absoluta, como costuma acontecer no jornalismo, mas que considera o imaginário e os elementos de ficção como parte do enquadramento.

É o que acontece, por exemplo, no folheto "Brasil: um país ameaçado", de Moreira de Acopiara. O poeta faz uma crítica à situação política do Brasil e para isso usa uma narrativa cujos personagens são Deus e os anjos. Se refere ao Criacionismo como figura de linguagem, como estratégia narrativa, mas cujo objetivo é marcar um posicionamento.

Quando Deus criou o mundo
Olhou a América Latina
Contemplou maravilhado
Aquela obra divina
E, com doutores da lei,
Comentou: 'Arquitetei
Por fim uma peça fina
[...]

Mas na minha onisciência
Sei que lá por muitos anos
Não será um paraíso
Mas um lar de desenganos
Por causa de uns desalmados
Que pra lá serão mandados
E causarão muitos danos. (ACOPIARA, 2014, p. 1, p. 10)

A profanação do dispositivo midiático acontece justamente pelo uso dessas figuras, pois, mesmo em gêneros essencialmente opinativos, os argumentos são fundamentais para a estruturação do texto. Aqui, não temos argumentação, mas a inserção de elementos imaginários e é a partir deles que a narrativa é estruturada, ainda que mantenha claras as opiniões do poeta e os juízos de valor que busca atribuir.

O poeta José Franklin, morador do Complexo do Alemão⁸ faz um enquadramento narrativo do cotidiano da comunidade de forma que também profana o enquadramento midiático hegemônico. Temas que, muitas vezes, não são abordados pelas grandes empresas de comunicação têm nos cordéis um espaço para serem divulgados e ressignificados, pois, ao tratar de regiões como o Complexo, normalmente há uma série de estereótipos que são convocados. O ângulo de enquadramento de um morador é diferente. É

⁸ O Complexo do Alemão está situado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro e tinha o estigma de lugar pobre e violento. Em 2011, a região recebeu Unidades de Polícia Pacificadora como estratégia de combate ao tráfico de drogas e à violência. Mas a presença das UPPs no Complexo não é um consenso e gera muitas discussões sobre a relação da presença da polícia com uma efetiva redução da violência.

um morador que não tem vínculo com nenhuma empresa de comunicação financiada pela publicidade do Estado, tem ainda uma outra perspectiva narrativa e pode abordar os temas que ele mesmo julgar mais adequados. Franklin faz isso em seus folhetos, cujas propostas são de contar o cotidiano do Alemão, os problemas e questionar os preconceitos que são construídos pelo dispositivo midiático.

Eu vi quando arrastaram
Claudia Silva Ferreira
Repareia mancha de sangue
parecendo a bandeira
Deste País que tem nome
De uma carmesim madeira (FRANKLIN, 2014b, p. 1)

Franklin (2014b) questiona a presença policial no Complexo e conta a história de Claudia Ferreira da Silva, também moradora da região, que desapareceu, mas que não teve uma visibilidade midiática. No cordel, assim como nas redes sociais, a história de Claudia ganha repercussão e profana as normas do dispositivo midiático que até então não dava noticiabilidade ao acontecimento.

Assim, a poesia de cordel é um lugar de táticas (CERTEAU, 1998) de profanação do dispositivo midiático. Os poetas são dotados de formas de narrar o que não poderia ser tratado nos outros veículos por estarem situados em um lugar de fala que, a princípio, se refere a uma literatura popular cômica, mas que profana também o próprio dispositivo poético do cordel e sai deste lugar da brincadeira para tratar de assuntos sérios do cotidiano, para contar as suas verdades, para construir o seu real.

Considerações finais

A poesia de cordel é tratada neste trabalho como um dispositivo midiático e como profanação deste dispositivo porque, por características que o definem e por seus usos, configuram a ideia de uma materialidade que modela um conteúdo e prepara o seu sentido. Mas, ao fazê-lo, não se coloca igual aos veículos hegemônicos que compõem esse dispositivo. Em vez disso, oferece ao homem comum, do cotidiano, sem formação jornalística, acesso à uma produção de conteúdos que também não seguem os padrões de produção jornalísticos e reivindicam que sua forma de significar o cotidiano também seja tomara como real.

Ao tratarmos o cordel como manifestação cultural, traz-se à tona a questão do cordel como forma de resistência, além da profanação tratada neste trabalho. O que precisamos questionar ainda, a partir destas reflexões, é o cordel como uma forma possível

de luta contra a dominação capitalista e que contribui para questionar hegemonias dominantes, considerando que cada ordem hegemônica pode ser desafiada por uma prática contra-hegemônica, no caso, a poesia de cordel.

Não podemos considerar que todos os cordéis são sempre iguais, combativos, resistentes em seus conteúdos, visto que muitas vezes estão situados no lugar do opressor. Mas a poesia de folheto resiste a um processo de hegemonia midiática e editorial. Sobrevive como prática cultural, como produção artística e como lugar de conhecimento, mesmo que ainda seja tomado como uma "literatura menor", "um livreto de gracejos" a partir de produções independentes de poetas, de associações e até mesmo da publicação de versos na Internet, o que dispensa os custos e eventuais prejuízos com impressão. A poesia de cordel está ao alcance de quem quiser falar e é assim que ela resiste e profana o dispositivo midiático.

REFERÊNCIAS

- ACOPIARA, Moreira de. **Brasil: um país ameaçado**. São Paulo, 2014
- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo?. **outra travessia**, [S.l.], n. 5, p. 9-16, jan. 2005. ISSN 2176-8552. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>>. Acesso em: 19 Abr. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/12576>.
- BATISTA, Abraão. **O manifesto de todos nós**. Juazeiro do Norte, 2013
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998
- FRANKLIN, José. **Cláudia Ferreira da Silva**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Literatura de cordel, 2014a
- _____. **Poesias no Complexo do Alemão**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Literatura de cordel, 2014b
- LEMAIRE, Ria. Pensar o suporte: resgatar o patrimônio. In: MENDES, Simone. **Cordel nas Gerais: Oralidade, mídia e produção de sentido**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.
- MENDES, Simone. A evolução dos suportes na literatura de cordel: um estudo co cordel panfletário. In: MENDES, Simone. **Cordel nas Gerais: Oralidade, mídia e produção de sentido**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.
- MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio D. (orgs). **O jornal – da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- SALVINO, Chico. **O Vôo 447 da Air France terminou em tragédia**. Fortaleza: Cecordel, 2009
- SANTOS, Francisca Pereira. Poética das vozes e da memória. In: MENDES, Simone. **Cordel nas Gerais: Oralidade, mídia e produção de sentido**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.
- SILVA, Salette Maria. Cordelirando. Disponível em: <http://cordelirando.blogspot.com.br/>Acesso: 01/07/2015
- ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.